

Parataxe: coordenação e justaposição – evidência a partir da elipse

Gabriela Matos

Universidade de Lisboa / Onset-CEL

1. Introdução

Embora os termos *coordenação* e *parataxe* sejam, por vezes, identificados (Saïd Ali 1931, Bechara 1999, Fiengo e May 1994), têm sido avançadas propostas para distinguir o âmbito destes conceitos. Em particular, critérios sintácticos permitem considerar que a *parataxe* abarca simultaneamente a *coordenação* e a *justaposição frásicas* (e.g., Quirk et al. 1985, López Garcia 1999, Duarte 2003).

Adoptando esta última posição, procuraremos, com base em dados adicionais provenientes de construções de elipse, evidenciar propriedades formais comuns à coordenação e à justaposição que nos permitam uma caracterização sintáctica mais precisa da *parataxe*.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: (i) partindo da literatura, serão delimitados os conceitos de *parataxe* e *coordenação*, por oposição aos de *hipotaxe* e *justaposição*; (ii) considerando o comportamento de *Despojamento* e *Elipse Lacunar*, procurar-se-á determinar as propriedades sintácticas comuns à coordenação e à justaposição.

2. Parataxe, hipotaxe, coordenação e justaposição

2.1. Parataxe e hipotaxe

Em alguns estudos (e.g., Saïd Ali 1931, Bechara 1999, Fiengo & May 1994) são destacados dois procedimentos fundamentais de formação de frases complexas, a *parataxe*, identificada com a *coordenação*, que consiste em ordenar ao lado umas das outras orações sem estabelecer um nexo de dependência entre elas (do grego, *para* (παρά) = ao lado de e *taxe* (τάξη) = ordenação) – e a *hipotaxe*, ou *subordinação* – que ordena duas orações, estabelecendo a dependência de uma relativamente à outra ou a um dos seus elementos (do grego, *hipo* (υπο) = posição inferior e *taxe* (τάξη) = ordenação).

Entendendo por não-dependência a autonomia funcional relativamente à estrutura argumental de um predicador e às relações gramaticais desempenhadas na frase complexa (sujeito, complemento e adjunto), os exemplos em (1) e (2), respectivamente

de coordenação sindética e assindética, são ilustrativos de parataxe. Pelo contrário, as subordinadas em (3) e (4) são uma instância de hipotaxe: com efeito as frases iniciadas pelos conectores *que* e *embora* funcionam, respectivamente, como argumento do verbo *propor*, com a função de complemento, e como adjunto da frase subordinante, *ela recusou a oferta*.

- (1) Ofereceram-lhe férias no Brasil e ela recusou a oferta!
- (2) Os assaltantes entraram na loja, amordaçaram o dono, destruíram a caixa registadora, levaram todo o dinheiro existente.
- (3) A empresa propôs que ela fizesse umas férias no Brasil
- (4) Embora lhe tenham oferecido férias no Brasil, ela recusou a oferta.

2.2. Parataxe, coordenação e justaposição¹

O que caracteriza a *parataxe* é envolver expressões linguísticas do mesmo nível, detentoras de autonomia sintáctica. Neste sentido, não só os exemplos em (1) e (2), mas também os presentes em (5) e (6), são representativos de parataxe. Em (5) e (6), as frases correlacionadas são associadas entre si por *justaposição*, ou seja, sem que nenhum conector explicitamente as articule.

- (5) A polícia chegou. A vítima estava em estado de choque.
- (6) Q: Alguém avisou a polícia?
R: O vizinho do lado telefonou para a esquadra pouco depois do assalto.

Em (5), a frase *A vítima estava em estado de choque* encontra-se correlacionada com a frase *a polícia chegou*; contudo, ambas correspondem a orações independentes. Do mesmo modo, em (6) a pergunta *Alguém avisou a polícia?* encontra-se correlacionada com a resposta *O vizinho do lado telefonou para a esquadra pouco depois do assalto*, mas a independência funcional das frases é evidente.

Alguns gramáticos identificaram *parataxe* e *justaposição*, apoiando-se no significado etimológico deste último termo (cf. Ernout e Thomas 1997: §298):

¹ A *justaposição* distingue-se também da *aposição*, com a qual tem sido por vezes confundida. Segundo Quirk et al. 1985, a *aposição* envolve tipicamente sintagmas nominais como primeiro termo da construção (cf. (i)), mas também pode afectar frases (ii). As expressões apostas assumem um valor predicativo face àquelas com as quais estão conectadas (Suñer Gatacòs 1999) e apresentam-se como estruturas parentéticas (Bogato & Salvi 1995). A *aposição* não se identifica nem com a coordenação nem com a subordinação, pois pode ocorrer com ambas (Matos 2003), como em (iii) e (iv).

- (i) Muitos países europeus, especialmente *a França e a Alemanha*, se manifestaram contra o conflito armado.
- (ii) Muitos países europeus, *a França e a Alemanha foram particularmente veementes*, manifestaram-se contra o conflito armado.
- (iii) Muitos países europeus, e nisso *a Alemanha foi particularmente veemente*, manifestaram-se contra o conflito armado.
- (iv) Muitos países europeus se manifestaram contra o conflito armado, *o que foi amplamente noticiado em todo o mundo pela televisão*.

Justaposição é um processo linguístico que consiste na colocação de uma oração junto a outra sem que qualquer delas perca a sua autonomia. O confronto de exemplos como (2), repetido em (7), com (8) e (9), sugere à primeira vista que *justaposição* e *coordenação* podem ser identificados: (7) exhibe coordenação assindética, ou seja, sem conjunção explícita; a mesma ausência de conector articulando as frases correlacionadas está patente em (8) e (9):

- (7) Os assaltantes entraram na loja, amordaçaram o dono, destruíram a caixa registadora, levaram todo o dinheiro existente.
 (8) A polícia chegou. A vítima estava em estado de choque.
 (9) Q: Alguém avisou a polícia?
 R: O vizinho do lado telefonou para a esquadra pouco depois do assalto.

Contudo, (8) e (9) não são tipicamente interpretadas como casos de coordenação.

Deste modo, outros autores (cf. Gilli Gaya 1943 e López Garcia 1999), baseando-se em argumentos semânticos, distinguiram *justaposição* de *parataxe*, alegando que nem sempre as orações justapostas estabelecem entre si um nexos paratático, como acontece em (10), podendo antes exibir uma relação de hipotaxe, como mostram as paráfrases de (11a) em (11b) e de (8) em (12). (13) mostra que as paráfrases de (8) e (11a), usando estruturas de coordenação são pouco naturais.

- (10) a. Estava a chover. A Ana abriu o guarda-chuva.
 b. Estava a chover e a Ana abriu o guarda-chuva.
 (11) a. A Ana abriu o guarda chuva. Estava a chover.
 b. A Ana abriu o guarda-chuva *porque estava a chover*²
 (12) Quando a polícia chegou, a vítima estava em estado de choque.
 (13) a. ??A Ana abriu o guarda chuva e/mas estava a chover.
 b. ?A polícia chegou e a vítima estava em estado de choque.

De acordo com um critério semântico, as frases em (10) exibem uma relação de parataxe, uma vez que a segunda oração estabelece com a primeira um *nexo aditivo*, parafraseável pela estrutura coordenada em (10b). Diversamente, em (8) a primeira frase pode ser interpretada como ‘hipotáctica’ temporal (cf. (12)) e em (11a), as frases apresentam uma *relação de efeito-causa*, dado que a segunda oração do período pode ser explicitada através de uma frase subordinada causal, como em (11b), mas não por uma coordenada, como em (13a).

No entanto, o mesmo tipo de interpretação dependencial ocorre em algumas frases coordenadas, facto salientado desde a tradição gramatical (Silva Dias, 1918, Said Ali,

² A frase (8) pode ser considerada uma explicativa. As explicativas foram na literatura caracterizadas ora como frases subordinadas, ora como frases coordenadas, havendo gramáticos que incluíram os conectores que as introduzem (*porque, pois, que, como*) simultaneamente nas conjunções coordenativas e subordinativas (e.g., Cunha & Cintra 1984). Porém, como evidenciado em Matos 2003, 2004, há argumentos que provam que as explicativas (ainda) são frases subordinadas.

1927) até aos nossos dias (Culicover & Jackendoff 1997) — (14) e (15) recebem uma interpretação próxima de (16) e (17), frases que integram subordinadas condicionais.

- (14) Dás mais um passo e disparo!
- (15) Lê esse livro ou ficas desactualizado!
- (16) Se deres mais um passo, disparo!
- (17) Se não leres esse livro, ficas desactualizado!

Formalmente, os exemplos em (14) e (15) exibem, no entanto, uma estrutura de coordenação: (i) são articulados por conjunções coordenativas; (ii) nenhuma das orações é interpretada como argumento ou adjunto adverbial da outra; (iii) e os termos coordenados não têm mobilidade, não podendo ser deslocados para fora da estrutura coordenada, nomeadamente por anteposição (veja-se (18))³.

- (18) a. **E* disparo, dás mais um passo!
- b. **Ou* ficas desactualizado, lê esse livro!

Pelo contrário, as orações em (17) e (18) exibem propriedades características da subordinação adverbial. Nomeadamente, podem ser interpretadas como adjunto da oração subordinante e a posição das orações subordinadas pode ser alterada, como mostra (19).⁴

- (19) a. Disparo *se deres mais um passo*!
- b. Ficas desactualizado *se não leres esse livro*!

Consideraremos, pois, que a caracterização de uma expressão linguística como um caso de hipotaxe, parataxe, justaposição, ou coordenação, deve ter uma base estritamente sintáctica. Porém, rejeitando o critério semântico, subsiste o problema de saber se, de um ponto de vista formal, *parataxe e justaposição* são conceitos que se recobrem ou se um deles tem maior latitude que o outro, uma vez que parecem partilhar entre si propriedades que os distinguem da hipotaxe, nomeadamente, ausência de dependência funcional (sintáctica) e de mobilidade dos termos correlacionados.

Todavia, alguns autores mostraram que a *coordenação* e a *justaposição* não são fenómenos que se sobreponham integralmente, pelo que devem ser distinguidos e que, se considerarmos a conexão de fragmentos textuais de natureza frásica, poderemos assumir que a justaposição é um subcaso de parataxe. É esta posição, defendida, entre outros, por Lyons 1977, Quirk *et alii* 1985, López Garcia 1999 e Duarte 2003, que adoptaremos.

³ Sobre este tipo de estruturas, na fronteira entre a coordenação e a subordinação, veja-se para o inglês. Culicover e Jackendoff 1997, 1999. Recorrendo a critérios semelhantes aos aqui apresentados, estes autores assumem que a nível sintáctico não há motivos para duvidar de que estas estruturas exibem coordenação.

⁴ Nem todas as orações adverbiais admitem facilmente alterações na sua posição no interior da frase complexa, como mostram Peres 1997, Lobo 2002 e 2003, Brito 2003, Matos e Prada 2004.

Algumas instâncias de justaposição distinguem-se claramente da coordenação, como notado em Duarte 2003. Em particular, contrariamente ao que acontece na coordenação assindética (cf. (7)-(20)), em pares pergunta/resposta não é possível a explicitação de uma conjunção coordenativa que estabeleça a conexão entre as duas expressões relacionadas (cf., (9) e (21)). O mesmo acontece em estruturas contendo interrogativas confirmativas finais, designadas como *interrogativas- 'tag'* (cf. (22b)).

- (20) Os assaltantes entraram na loja, amordaçaram o dono, destruíram a caixa registadora, e levaram todo o dinheiro existente.
- (21) .Q: Alguém avisou a polícia?
R: #E o vizinho do lado telefonou para a esquadra pouco depois do assalto.
- (22) a. Já comeste o gelado todo, não é? (Duarte 2003:92)
b. *Já comeste o gelado todo, ou não é? (Duarte 2003:93)

Adicionalmente, embora não tenha sido referido na literatura, certos fenómenos de elipse permitem estabelecer a distinção entre coordenação e justaposição. Assim, a inadequação da identificação destes estes fenómenos é corroborada por *Elipse Lacunar*, uma construção que, embora possível em coordenação frásica, como ilustrado em (23), está excluída unidades discursivas articulados por justaposição — veja-se a anomalia de (24) e (25):

- (23) O museu guarda estátuas milenares e a biblioteca __ tesouros literários.
- (24) ??O museu guarda estátuas milenares. A biblioteca __ tesouros literários.
- (25) A: O museu guarda estátuas milenares?
B: *(Sim.) A biblioteca __ tesouros literários.

Se a estrutura de coordenação for explicitamente restabelecida através das fronteiras discursivas, como em (26), ou pela formação na resposta de uma frase complexa por coordenação os resultados obtidos são bem formados, ainda que o primeiro termo da coordenação seja constituído apenas por uma profrase de polaridade positiva ou negativa, como ilustrado em (27B).

- (26) a. O museu guarda estátuas milenares. E a biblioteca __ tesouros literários.
b. A: O museu guarda estátuas milenares.
B: E a biblioteca __ tesouros literários.
- (27) A: O museu guarda estátuas milenares?
B: Sim e a biblioteca __ tesouros literários.

Estes exemplos mostram, pois, que não é possível identificar formalmente, em toda a sua extensão, a coordenação e a justaposição. Repare-se que a conjunção pode estar implícita, mas ser sentida como existente, como acontece na coordenação assindética. Neste caso, *Elipse Lacunar* pode aplicar-se (veja-se (28a)):

- (28) a. O museu guarda estátuas belíssimas, a biblioteca ___ livros raros, o sítio arqueológico ___ tesouros milenares.
 b. O museu guarda estátuas belíssimas, a biblioteca ___ livros raros e o sítio arqueológico ___ tesouros milenares.

A impossibilidade de assimilar a coordenação à justaposição constitui um argumento decisivo contra a identificação de *parataxe* e *coordenação*. De facto, por um lado, a *parataxe* é, em certo sentido, um processo mais englobante do que a *coordenação*, uma vez que a inclui a par da justaposição. Por outro lado, adoptando uma perspectiva diversa, pode-se considerar que é a *coordenação* que têm um âmbito mais lato: a *coordenação* opera sobre unidades de diferentes níveis categoriais, nomeadamente, núcleos lexicais, sintagmas e frases (vejam-se os exemplos (29)), enquanto a *parataxe* se restringe a unidades de natureza frásica ou discursiva.

- (29) a. Esse reputado *locutor e repórter* fez a cobertura do acontecimento.
 b. *As notícias e as imagens* foram divulgadas por todas as cadeias de televisão.
 c. Disseram *que os ladrões levaram muitas obras de arte mas que o espólio do museu continua de valor incalculável*.

Em suma, as propriedades detectadas na secção 2 permitem-nos distinguir *parataxe* de *coordenação* e *justaposição* e opor estes processos à *hipotaxe* (e à *aposição* – cf. nota 1). Permitem-nos igualmente considerar que, de um ponto de vista da conexão da unidades frásicas, a *parataxe* é um fenómeno mais abrangente do que a *coordenação* e a *justaposição*, visto que as engloba.

3. Propriedades sintácticas adicionais da *parataxe*

Visando uma caracterização sintáctica mais precisa do fenómeno de *parataxe* com base no comportamento de duas construções de elipse, na presente secção procurar-se-á responder às seguintes questões: (i) que propriedades sintácticas adicionais apresentam em comum a *coordenação* e a *justaposição*, que facultam a ocorrência de *Despojamento*? (ii) que propriedades sintácticas distinguem a *coordenação* da *justaposição*, que impedem a o aparecimento de *Elipse Lacunar* neste último contexto?

3.1. *Parataxe* e *Despojamento*

A construção elíptica de *Despojamento* caracteriza-se pela ocorrência na periferia esquerda da frase de uma expressão realizada correlata de um argumento do verbo ou de um adjunto frásico ou de SV, seguida de um adverbial de polaridade positiva ou negativa que denota a frase elíptica. Todos os restantes elementos são omitidos, como ilustrado em (30a) e (30b). Nos casos em que a frase elíptica exhibe polaridade idêntica à

frase antecedente, o advérbio focalizador *também* é introduzido, como explicitado em (30c) e (30d):

- (30) a. A televisão não falou muito do assalto *mas os jornais sim* ____.
 b. A televisão falou do assalto *mas da intervenção policial não* ____.
 c. A notícia não foi dada ontem e *hoje também não* ____.
 d. A televisão falou muito do assalto *e os jornais também* ____.

Despojamento, como Elipse Lacunar pode surgir em frases coordenadas introduzidas pelas conjunções copulativa 'e' e pela adversativas 'mas' (cf. (31)).

- (31) a. A televisão falou do assalto e os jornais ____ da intervenção policial.
 b. A Ana vê todos os programas mas a Paula ____ só as notícias.

Porém, Despojamento ocorre em frases subordinadas desde que estas não funcionem como domínios-ilha, nomeadamente em completivas complemento do verbo, como em (32), e em de fragmentos discursivos, como em (33).

- (32) A televisão falou muito do assalto e dizem *que os jornais também* ____.

(33) a. A: Gosto muito de ti.

B: *Eu também* ____!

b. A: A televisão falou muito do assalto.

B: *Julgo que da intervenção policial também* ____.

3.1.1. Despojamento em frases coordenadas

Focando a ocorrência de Despojamento, Matos 1992, 1996 faz notar que esta construção só surge em subordinadas quando se verificam, cumulativamente, as três propriedades seguintes: (i) a frase subordinada não constitui uma ilha; (ii) a frase subordinada apresenta tempo finito; (iii) a frase subordinada encontra-se inserida numa estrutura de coordenação frásica.

Embora à primeira vista, pareça que o legitimador da elipse em Despojamento é a expressão adverbial de polaridade idêntica ou disjunta, a agramaticalidade dos exemplos exibindo domínios-ilha mostra que a presença da referida expressão não basta (cf. (34)).

- (34) a. *A televisão não falou muito do assalto ainda que os jornais sim ____.
 b. *Nós ficamos em casa quando ela não ____.
 c. *Nós lemos uma notícia que tu também ____.

Matos 1992, 1996 levanta, assim, a hipótese de que a legitimação da frase elíptica nesta construção repousa na identificação local do seu núcleo T(empo), por parte de T-finito da frase antecedente.

A favor desta hipótese argumentam adicionalmente dois factores: (a) o constituinte elíptico em Despojamento é uma projecção funcional frásica, e consequentemente tem como núcleo mais proeminente T, como ilustrado em (35b); (b) esta construção está excluída de domínios não-ilha com T infinitivo — vejam-se os exemplos (36) vs. (37).

- (35) a. A televisão não falou muito do assalto mas da acção da policia sim __.
 b. mas *da acção da policia sim* [_T ~~a televisão falou muito (da acção da policia)~~]
- (36) *A RTP afirmou terem os seus repórteres coberto o acontecimento e a SIC declarou os seus repórteres também __.
 (__ = ~~terem coberto o acontecimento~~)
- (37) A RTP afirmou que os seus repórteres tinham coberto o acontecimento e a SIC declarou que os seus repórteres também __.
 (__ = ~~tinham coberto completamente o acontecimento~~)

A inclusão de Despojamento em estruturas de coordenação, mesmo quando ocorre em frases subordinadas é atribuída em Matos 1996 às propriedades fundamentais da coordenação: (a) por um lado, as frases coordenadas apresentam uma configuração estrutural que permite o respeito da condição de não-circularidade entre antecedente e constituinte elíptico, (b) por outro, os termos coordenados não funcionam como ilhas um relativamente ao outro, permitindo que T da frase antecedente identifique localmente o T da frase elíptica.

Sem pretender retomar a análise de cada um dos casos analisados em Matos 1996, no âmbito do Programa Minimalista na sua versão inicial, são particularmente ilustrativos os contrastes de gramaticalidade entre exemplos de Despojamento em coordenação frásica e em frase adverbial adjunta, esta última um domínio-ilha:

- (38) a. Nós ficamos em casa e ela não __
 b. *Nós ficamos em casa quando ela não __.

Matos 1996 imputa a natureza não-ilha dos termos coordenados à natureza categorialmente subespecificada de Conj(unção), que ao projectar-se assume a natureza categorial de um dos seus termos, pelo que é interpretada como não-distinta deles. Sendo seleccionado como complemento de Conj=T(empo) o segundo termo coordenado, que contém o constituinte elíptico pode ver o núcleo T identificado por pelo T(empo) finito da frase antecedente.

- (39) [_T A televisão falou muito do assalto] [Conj=T e] [_T os jornais também [_T__]]

Reformulando esta análise à luz de trabalhos posteriores, como os Johanessen 1996, 1998, Matos 1997, 2000, 2004, podemos admitir que a especificação dos traços de Conj decorre de concordância especificador-núcleo com o primeiro termo

coordenado, em conformidade com a operação de *Agree* (Chomsky 2001). A adopção desta proposta associada à aceitação da hipótese da Estrutura Sintagmática Núa (*Bare Phrase Structure Hypothesis*) de Chomsky 1995, permite-nos concluir que é o próprio núcleo Conjunção, assimilado a Tempo (Conj=T) que identifica localmente, sob comando imediato o núcleo T do constituinte elíptico.

O mesmo não acontece em frases adverbiais em que as projecções das frases subordinante e subordinada são distintas, uma vez que os complementadores que as encabeçam têm os seus traços categoriais especificados à partida (cf. Matos 2004).

(40) * [_{CT1} Nós ficamos em casa [_{CT2} quando ela não __]]

3.1.2. Despojamento em frases justapostas

A possibilidade de Despojamento ocorrer em frases justapostas, sugere que para além das propriedades comuns à coordenação frásica e à justaposição apontadas na literatura (i.e., independência funcional e ausência de mobilidade dos termos conectados), há outras. De facto, como os seguintes exemplos mostram, esta construção aparece tanto em frases justapostas que podem ser sentidas como próximas da coordenação assindética (cf. (41), (42) e (43)), como em frases justapostas que de modo nenhum se podem aproximar daquelas (cf. (44)-(45)).

(41) As crianças não trabalharam durante toda a manhã. Na verdade, durante a tarde também não __.

(42) A: A televisão falou muito do assalto.

B: a. *Os jornais também* __.

(43) a. As crianças não trabalharam durante toda a manhã. E, na verdade, durante a tarde também não __.

b. A: A televisão falou muito do assalto.

B: *E os jornais também* __.

(44) a. A: Ninguém gosta desses livros.

B: Excepto a Maria !

A: Não. *A Maria também não* __.

b. P: Ela gosta desses livros?

R: *Desses livros não* __!

(45) a. A: Ninguém gosta desses livros.

B: Excepto a Maria !

A: *Não. *E a Maria também não* __.

b. P: Ela gosta desses livros?

R: **E desses livros não* __!

Note-se que uma análise sumária da distribuição de Despojamento em contextos de justaposição, mostra que nem todos os tipos de estruturas lhe são acessíveis. Assim,

Despojamento não ocorre em respostas a perguntas parciais, senão quando surge como expressão contrastiva a uma potencial resposta pressuposta (cf. (46))

- (46) a. P: Quem guardou esse livro na estante?
 R1: #A Ana sim. (cf. A Ana.)
 R2: A Ana não! (cf. (Alguém pode tê-lo guardado) A Ana não!)
 b. P: Onde guardou a Ana esse livro?
 R: Na estante não.

Deste modo, não é o afastamento da coordenação por parte das frases conectadas por justaposição que parece determinar a exclusão Despojamento destes contextos, mas sim factores relativos ao seu valor de focalização contrastiva.

Levantamos, pois, a hipótese de que o que a inclusão de Despojamento em justaposição nos indica é que tanto na coordenação frásica como na justaposição, as frases funcionam, relativamente uma à outra, como domínios temporais não-ilha, *fases* paralelas, encabeçadas por T-finito, em que o núcleo T-finito da fase antecedente identifica localmente o núcleo T elíptico da fase justaposta.

Assumimos, com Chomsky 2000, que Tempo gramatical finito pode ser caracterizado como T completo, pois exhibe na íntegra o conjunto de traços- ϕ , e é seleccionado por C(OMP), que, por sua vez, pode ser uma raiz não seleccionada por nenhuma outra categoria, como acontece nas frases raiz.⁵ Deste modo, admitimos que a representação em (50), envolve a presença de C, para além de T.

- (47) A: [c_T A televisão falou muito do assalto]]
 B: [c_T Os jornais também [T __.]]

3.2. Elipse Lacunar: coordenação vs. justaposição

Consideremos a nossa segunda questão: que propriedades sintácticas distinguem a coordenação da justaposição, que permitem o aparecimento de *Elipse Lacunar* em frases coordenadas (cf. (48)) mas impedem a sua ocorrência em configurações de justaposição (cf. (49))? A questão é tanto mais pertinente quanto, em *Elipse Lacunar*, como em Despojamento, o núcleo que encabeça o constituinte elíptico é uma instância de T-finito, completo.

- (48) a. A televisão falou do assalto e os jornais __ da intervenção policial.
 b. A Ana vê todos os programas mas a Paula __ só as notícias.
 (49) A: A televisão falou muito do assalto.
 B: *Os jornais __ da intervenção policial.

⁵ Assumimos que T não finito seleccionado por COMP em estruturas de controlo e em infinitivos flexionados, embora possa ser tecnicamente caracterizado por como T-completo por ter traços- ϕ e ser seleccionado por C, tem um comportamento diverso, que admitimos dever ser captado em termos da sua não-especificação temporal precisa do evento. Esta propriedade está na origem da impossibilidade de T infinito legitimar Despojamento.

A hipótese de solução que avanço é a seguinte: a exclusão de Elipse Lacunar de contextos de justaposição, por oposição à sua ocorrência em estruturas de coordenação, decorre da incompatibilidade vs. compatibilidade categorial dos constituintes conectados por estes processos de parataxe e a natureza categorial dos constituintes requeridos por esta construção de elipse.

Na verdade, enquanto a coordenação pode articular constituintes de diferentes naturezas categoriais, entre os quais TPs, o mesmo não sucede com a justaposição que é um processo que opera apenas sobre CPs. Porém, Elipse Lacunar requer que os termos articulados sejam sempre TPs, i.e. *fases* fracas de T, estando todo o complexo incluído numa fase forte CP, como visualizado em (50):

(50) [_C [_T A TV falou muito do assalto] [_{Conj}=_T e [_T os jornais __ da acção policial]]

Esta análise permite captar não só a exclusão de Elipse Lacunar de justaposição (cf. (49B) e (51), mas também a sua ausência de frases subordinadas, ainda que estejam incluídas em estruturas de coordenação frásica, como em (52).

(51) A: O museu guarda estátuas milenares?

B: *(sim.) A biblioteca __ tesouros literários.

(52) *O museu guarda estátuas milenares e julgo que a biblioteca __ tesouros literários.

Pelo contrário, em Despojamento os constituintes conectados podem ser CPs ou TPs: são CPs em frases justapostas, como em (54); são CPs ou TPs em estruturas coordenadas, como (55).

(54) A:[_C[_TA televisão falou muito do assalto]]

B:[_C[_TOs jornais também [_T __.]]

(55) a. [_C[_TA TV falou muito do assalto] e dizem [_C que os jornais também [_T __.]]

b. Dizem [_C que [_T A TV falou muito do assalto e os jornais também [_T __.]]]

4. Conclusões

Considerando os casos de justaposição face aos de coordenação, devem ser atribuídas à *parataxe* as seguintes propriedades formais:

- a parataxe articula expressões linguísticas do mesmo nível, detentoras de autonomia sintáctica;
- é um processo de formação de conexão de frases, que engloba a coordenação frásica e a justaposição;
- as frases conectadas são interpretadas como domínios não-ilha um relativamente ao outro.
- envolve *fases* fortes de CP e é encabeçada por T-finito completo.

Referências

- Bechara, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*. Lucerna: Rio de Janeiro
- Borgato, Gianluigi & Giampaolo Salvi (1995) Le frasi parentetiche. In Renzi, Lorenzo, Giampaolo Salvi & Anna Cardinaletti (eds.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, vol II. Bologna: Il Mulino, pp. 165-174.
- Brito, Ana & Gabriela Matos (2003) Construções de graduação e comparação. In Mateus *et al.* (2003).
- Chomsky, Noam (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press
- Chomsky, Noam (2000) Minimalist Inquiries: the Framework. In Martin, Roger, David Michaels & Juan Uriaguereka (eds) *Step by Step – Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (2001) Derivation by Phase. In Kenstowicz, Michael (ed.) *Ken Hale*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Duarte, Inês (2003) Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus *et al.* (2003).
- Culicover, Peter & Ray Jackendoff (1997) Semantic subordination despite syntactic coordination. *Linguistic Inquiry* 28:2, 195-217.
- Culicover, Peter & Ray Jackendoff (1999) The view from periphery: the English comparative correlative. *Linguistic Inquiry*, 30:4, 543-571.
- Ernout, Alfred & François Thomas (1951) *Syntaxe Latine*, Paris: Ed. Klincksieck. (2eme ed.)
- Fiengo, Robert & Robert May (1994) *Indices and Identity*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Gilli Gaya, Samuel (1943) *Curso Superior de Sintaxis Española*. Barcelona: Bibliograf.
- Johannessen, Janne (1998) *Coordination*. Oxford: Oxford University Press.
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- López García, Ángel. (1999) Relaciones paratácticas y hipotácticas. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (dir.) *Gramáticas Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Lyons, John (1977) *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mateus, Maria Helena, Ana Brito, Inês Duarte, Isabel Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Alina Villalva & Marina Vigário (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho
- Matos, Gabriela (1992) *Construções de Elipse do Predicado - SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Matos, Gabriela (1996) A Distribuição de Despojamento. In Duarte, Inês & Isabel Leiria (orgs) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português, 1994*. Edições Colibri/APL.
- Matos, Gabriela (2003) Estruturas de coordenação. In Mateus *et al.* (2003)
- Peres, João (1997) Sobre conexões proposicionais em português. In Brito, Ana, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima & Rosa Martelo (orgs.) *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.

- Quirk, Randolph., Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech & Jan Svartvik (1985) *A Comprehensive Grammar of English*. London: Longman.
- Said Ali, Manuel (1931) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- Suñer Gartacós, Avelina (1999) La aposición y otras relaciones de predicación en el sintagma nominal. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.